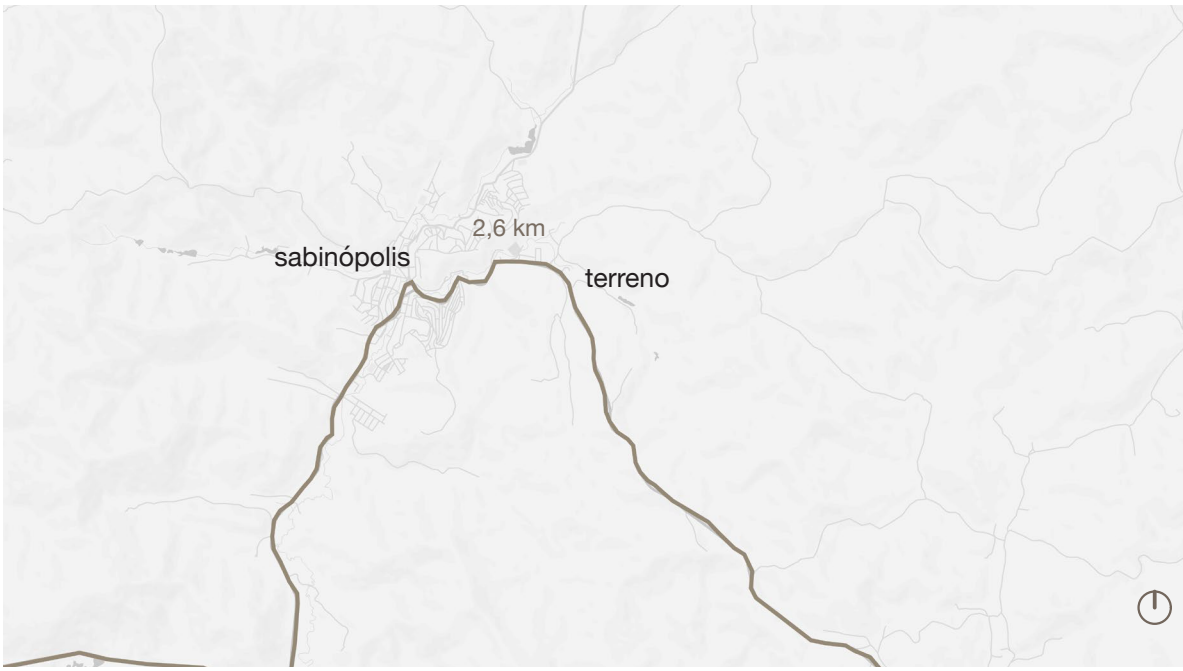
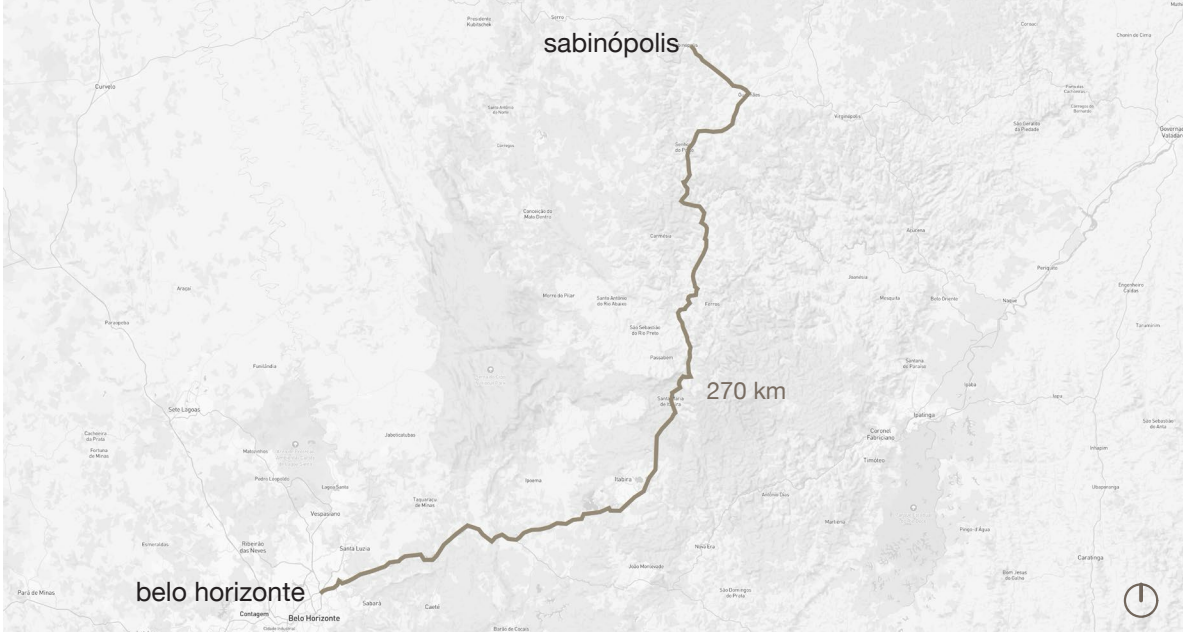


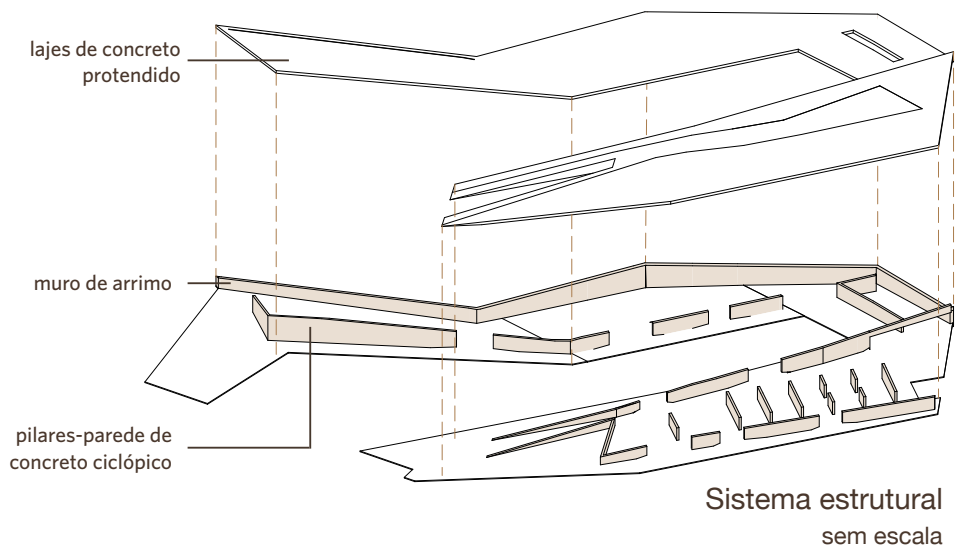
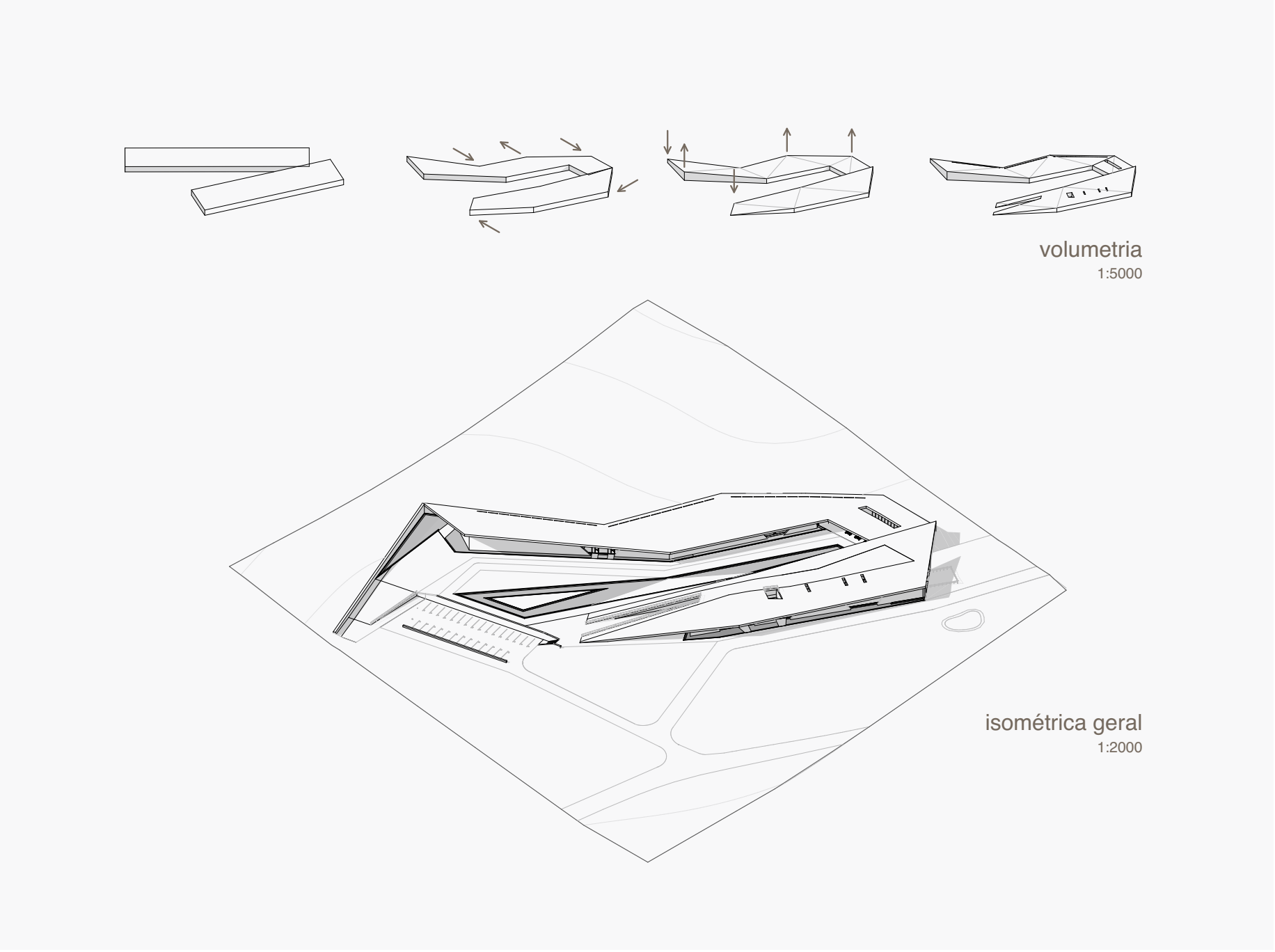


Localizado em Sabinópolis-MG, na microrregião do Serro, este projeto propõe uma cooperativa dedicada ao Queijo Minas Artesanal (QMA). Com origens no ciclo do ouro do século XVIII, o QMA transcendeu a subsistência para se tornar símbolo da identidade mineira, recém-reconhecido como Patrimônio da Humanidade pela UNESCO (2024).

Apesar dessa valorização, o pequeno produtor enfrenta o dilema de adequar saberes seculares a legislações sanitárias de viés industrial. Essa rigidez normativa impõe altos custos de adequação e, muitas vezes, descaracteriza o modo de fazer tradicional ou empurra o produtor para a ilegalidade, ameaçando a reputação e a própria memória da produção queijeira.

Diante desse conflito, a arquitetura atua como instrumento de mediação. Pensado como extensão do território, o projeto concebe um edifício que ultrapassa a produção cooperativa, incorporando dimensões institucionais, culturais e turísticas. Por meio de rotas de visitação guiada, áreas de observação da manufatura e espaços de comercialização, o espaço educa e engaja o visitante, promovendo o encontro direto entre quem produz e quem consome.

O objetivo é que o público não apenas consuma o queijo, mas compreenda o território, o trabalho e a prática viva e coletiva por trás dele. A organização espacial atende rigorosamente aos protocolos de segurança alimentar, provando que o espaço arquitetônico tem o poder de viabilizar a convivência harmônica entre a regulamentação sanitária e a preservação do patrimônio imaterial. Com isso, a cooperativa fortalece a economia local e reafirma o potencial do rural brasileiro como um polo vivo de desenvolvimento.



No volume expositivo, um muro de arrimo em concreto sustenta o terreno, enquanto pilares-parede de concreto ciclópico se alinham ao longo do edifício, recebendo lajes protendidas que vencem grandes vãos e garantem continuidade espacial. Já no volume produtivo, sucessivas paredes-pilar acompanham o relevo e sustentam uma laje inclinada a 8,33%, que desce suavemente até tocar o solo, configurando o edifício como uma extensão habitável da topografia. A estrutura, assim, não apenas sustenta, mas desenha o próprio gesto de integração entre arquitetura e paisagem.

